

Trieb 2018 nº1 e nº2 - Desamparo

Desamparo e a construção do ego corporal

Ivanise Fontes

Psicanalista. Doutora em Psicanálise pela Universidade Paris 7 – Denis Diderot, com pós-doutorado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Núcleo de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. Professora e coordenadora do Espaço Psicanálise do Sensível.

RESUMO A partir da constatação de que ao nascer inauguramos a sensação de desamparo, o artigo apresenta a necessidade de continência para essas angústias arcaicas. A construção do ego corporal, assim denominado por Freud, torna-se essencial. As psicopatologias contemporâneas surgem como exemplos de egos mal consolidados. Precisam recorrer a envelopes artificiais de continência para aplacar o medo de perder a existência. Através da transferência analítica, esses pacientes têm a oportunidade de refazer o percurso que vai do ego corporal ao ego psíquico. Algumas considerações finais sobre o autismo abordam esta patologia como a tentativa de evitar, através dos seus sintomas, a incerteza do “continuar a ser” provocada por um forte desamparo inicial.

PALAVRAS-CHAVE ego corporal; continência; simbolização primária; transferência; psicopatologias contemporâneas.

“Preciso te contar uma coisa: eu vou morrer”

Margaret Waddington Binder

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro; Membro Titular do Instituto de Psicossomática de Paris.

RESUMO O presente trabalho trata do sentimento de desamparo que vivenciamos todos ao falar, viver e escrever sobre a morte, tantas são as representações acionadas quando nos aproximamos do tema. Somos obrigados a lidar com a nossa finitude, impotência, frustração e medo diante de algo tão determinado na vida de todos. A autora fala da clínica de alguns pacientes muito graves, obrigados a enfrentar a morte, bem como da dificuldade dos profissionais nesses atendimentos. A constatação é de que de verdade não é sobre a morte que temos dificuldade em escrever, desconforto em tratar, desamparo ao viver, mas sim sobre as inúmeras situações da vida que incluem tanto ela quanto o sofrer. Por fim, a autora traz o relato de alguns casos clínicos em que, de forma consciente ou não, os pacientes tentam contar ao outro e a si próprios esta verdade tão dura e tão certa.

PALAVRAS-CHAVE desamparo; psicossomática; pacientes graves; aspectos transferenciais e contratransferenciais; intervenções não usuais.

A dor (e o horror) do desamparo amoroso e o refúgio psíquico

José Francisco da Gama e Silva

Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Doutor em Letras, PUC-Rio.

RESUMO A natureza da dor mental que será estudada neste texto refere-se a um sofrimento vivido na fronteira psicossomática. Trata-se de uma dor ligada a uma situação de perda ou ruptura radical vivida durante o nascimento e sentida na relação mãe-bebê desde o início da vida, ou talvez antes mesmo do nascimento. Pesquisas realizadas pelos psicólogos do desenvolvimento oferecem suporte às evidências da clínica psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE relação mãe-bebê; desamparo; dor mental; útero pós-natal; perda radical.

A difícil parentalidade na prematuridade extrema: o trabalho da psicologia no vínculo pais-bebê

Trabalho teórico desenvolvido a partir de uma experiência clínica da equipe de psicologia em uma maternidade particular no Rio de Janeiro.

Pilar Brena da Rocha Lima

Psicóloga, Pós-graduanda em Psicanálise e Psiquiatria em Infância e Adolescência – IPUB/UFRJ.

Helena Carneiro Aguiar

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio; Especialista em Psicoterapia da Infância e Adolescência pelo Instituto Fernandes Figueira/Fiocruz. Psicóloga da Clínica Perinatal de Laranjeiras

RESUMO Este artigo apresenta uma reflexão sobre o processo de parentalidade em casos de prematuridade extrema. A partir dos conceitos de parentalidade e prematuridade – em especial a prematuridade extrema – discute-se a atuação do psicólogo no ambiente da UTI neonatal. Trabalhou-se com a hipótese de que a experiência traumática do parto prematuro dificulta o processo de parentalidade. O psicólogo no ambiente hospitalar é considerado uma peça-chave nesse cenário, capaz de promover um espaço de acolhimento a essas famílias que vivenciam uma situação de extremo desamparo, favorecendo a elaboração do trauma e a construção do vínculo entre pais e bebê.

PALAVRAS-CHAVE UTI neonatal; prematuridade extrema; parentalidade; desamparo.

Desamparo e solidão: A história de Hélio, o sanguessuga

Joana Domingues

Membro Provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ)

RESUMO A autora privilegia as primeiras relações mãe/bebê como a matriz do desenvolvimento emocional, e tem como objetivo neste trabalho propor que o padrão das primeiras relações tende inconscientemente a se repetir ao longo da vida, em busca de soluções para o que ficou pendente no passado. Através de caso clínico, a autora relaciona o estado de desamparo e solidão às vicissitudes da relação transferencial-contratransferencial. Em uma sessão de análise, imagens surgiram na mente da analista, fazendo-a pensar que as repetições das várias situações da vida do paciente seriam reatualizações decorrentes das experiências de contínuo desamparo e solidão dos primórdios da sua vida, ainda irresolutas na vida adulta.

PALAVRAS-CHAVE desamparo; solidão; transferência; contratransferência; caso clínico.

“Dolor Perpetua” e a destruição do agora: Trauma, atemporalidade e objetos impossíveis na primeira infância

Joshua Durban

Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Israel. Professor da Sackler Escola de Medicina, na Universidade de Tel Aviv. Editor científico da edição hebraica da Coleção dos Trabalhos de Melanie Klein (2002, 2013).

RESUMO Este artigo discute duas características centrais especiais dos primeiros traumas infantis inter-relacionados: a destruição da dimensão do tempo e a relação com um objeto impossível, objeto almejado por suas riquezas fantasiadas ainda que seja mortífero e danificado de forma irreparável. A tentativa de impedir a separação desse objeto impossível prejudica ainda mais a percepção do tempo linear que se torna congelado ou reversível. A criança traumatizada vive em uma dimensão “nenhum-lugar” e “nenhum-tempo”, caracterizada pela repetição sem fim e sem esperança e, assim, mantém uma ligação impossível com um objeto impossível. O material clínico foi retirado da análise de 15 anos de um paciente traumatizado de forma grave, diagnosticado na infância com TEA (Transtorno do Espectro Autista). O autor examina o papel das ansiedades primitivas e sua manifestação no campo da transferência-contratransferência e na técnica necessária para o trabalho nessas áreas.

PALAVRAS-CHAVE trauma; psicanálise da infância; tempo; autismo; abuso.

Subsídios para pensar sobre uma metapsicologia do encontro analítico

Denise Salomão Goldfajn

Psicanalista associada SBPRJ/SBPSP, pós-doutoranda IPUSP, membro do psiA – laboratório de pesquisas e intervenções psicanalíticas do IPUSP.

Daniel Kupermann.

Psicanalista, professor Doutor do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), coordenador do psiA – laboratório de pesquisas e intervenções psicanalíticas do IPUSP, bolsista do CNPq – Brasil.

RESUMO A psicanálise, desde a sua criação, mantém tanto na teoria como na clínica sua condição de estar entre o físico e o psíquico, entre o pulsional e o relacional e entre o intrapsíquico e o intersubjetivo. O campo transferencial inaugura o exercício de transitar entre um e outro, entre polaridades e ambiguidades, articulando as pulsões e a dinâmica relacional. Neste artigo propomos um percurso teórico-conceitual usando autores que, no desenvolvimento do pensamento psicanalítico, ilustraram as oscilações entre o intrapsíquico e o intersubjetivo como configurações relacionais a serem observadas no encontro analítico (Freud, Ferenczi, Jay Greenberg, Stephen Mitchell, Jessica Benjamin). Destaca-se a função heurística da clínica como possibilidade de criar subsídios para pensar uma metapsicologia do encontro analítico. Longe de serem conceitos estritos, são ideias que ampliam as fronteiras da vitalidade psíquica e do jogo transferencial.

PALAVRAS-CHAVE campo transferencial; intersíquico; intersubjetividade; heurística; metapsicologia; encontro analítico.

Freud e a Filosofia: o desamparo desvelado para o sujeito moderno

Maicon Pereira da Cunha

Doutor em Teoria Psicanalítica. Membro Associado em Formação do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Membro do Instituto de Estudos da Complexidade.

RESUMO O presente artigo tem por objetivo estabelecer um diálogo entre o pensamento freudiano e a filosofia na tematização a respeito da derrocada do pai na modernidade. O eixo central do trabalho será conduzido desde a perspectiva do desamparo, uma vez que tematizado pela psicanálise a partir do travamento das relações entre representação e finitude.

PALAVRAS-CHAVE Freud; filosofia; desamparo.